

MONUMENTO AO ALMIRANTE TAMANDARÉ

Pertencem ao livro "Tamandaré" — almirante Joaquim Marques Lisboa — de autoria do comandante Dídio Costa, diretor do Serviço de Documentação da Marinha, os dados biográficos do almirante Tamandaré, que publicamos, a seguir, excluída a menção de uma ou outra ocorrência, que procede de informações colhidas em fontes diversas. Devemos, ainda, ao espírito de colaboração daquele ilustre oficial escritor outras indicações das quais nos servimos para ilustrar esta reportagem em torno do monumento que se ergue na praia de Botafogo, desde 1937, substituindo ali a herma levantada à memória do grande marinheiro e inaugurada em 16 de dezembro de 1916.

Joaquim Marques Lisboa — almirante Tamandaré, nasceu em São Pedro do Rio Grande do Sul na província do Rio Grande do Sul, no dia 13 de dezembro de 1807, sendo seus pais Francisco Marques Lisboa e dona Eufrásia Joaquina de Azevedo Lima.

Ingressou na Marinha, como voluntário, de acôrdo com a legislação vigente naquela época, a 4 de março de 1823, embarcando na fragata "Niterói" e, a 3 de abril do mesmo ano, já assistia ao combate desse dia, a bordo daquela unidade de guerra. Foi, depois, destacado para a nau "Pedro I", participando do combate realizado no dia 4 de maio do mesmo ano. Em 1824, desembarcou da fragata "Niterói", embarcando em 29 de julho desse ano, novamente, na nau "Pedro I", e em 2 de dezembro de 1825, foi comissionado no posto de segundo tenente, passando para a fragata "Paula", a fim de servir no rio da Prata. Desde então, a carreira do bravo almirante foi pontilhada de serviços relevantes, prestados à Armada e ao país, tendo tomado parte em numerosos combates, distinguindo-se como perfeito estrategista e pela bravura demonstrada nessas lutas. Em 1854, era Tamandaré promovido a chefe de esquadra; neste posto fez um demorado tirocínio na Europa, como chefe da missão naval brasileira, fiscalizando a construção do primeiro grupo de canhoneiras que o governo encomendou.

Regressando ao Brasil, foi, tempos depois, nomeado comandante-chefe da esquadra em operações de guerra contra o governo da República do Paraguai, assistindo à tomada de Paissandu (1864), e, com a declaração de guerra ao ditador Lopez, do Paraguai, passou a comandar a esquadra em operações, tendo o seu quartel-general em Montevideo, a bordo da corveta "Niterói". Aí ficou de 1865 a 1867, ano em que se recolheu ao Rio de Janeiro, tendo sido promovido ao posto de almirante. Com a terminação da guerra do Paraguai, entrando o país em um período de calma, exerceu elevados cargos, como membro do Conselho Naval e do Supremo Tribunal Militar. Sua vida militar terminou com o advento da República. Obediente à disciplina, apresentou-se ao novo governo, afirmando, porém, a sua fé monárquica e a sua afeição ao Imperador destituído. Desde então, afastou-se do serviço e, quando se deu o movimento revolucionário de 1893, havendo sido presos e perseguidos seus companheiros, lavrou seu protesto por não ter sido molestado e deixou-se ficar em casa como prisioneiro. Falecendo nesta capital, a 20 de março de 1897, aos 89 anos de idade, o almirante Tamandaré contava os seguintes títulos: Barão, em 1860; Visconde, em 1865; Conde, em 1867; Marquês de Tamandaré, em 1888; Oficial e Dignitário da Imperial Corte, em 1841 e 1849, respectivamente; Oficial da Ordem da Rosa, em 1846; Comendador da Torre e Espada, em 1849; Vereador de S. M. a Imperatriz, em 1855; Conselheiro de Guerra, em 1860; Comendador da Ordem de São Bento, de Aviz, em 1881; Adjuncte de Campo de S. M. o Imperador, possuindo também a Grã-Cruz da Ordem Imperial de Francisco José, recebida em 1860.

* * *

O Aviso n.º 3.322, do Ministério da Marinha, de 4 de setembro de 1925, instituiu como "Dia do Marinheiro" a data de 13 de dezembro, aniversário do nascimento do almirante marquês de Tamandaré, porque "ele representa na História Naval Brasileira a figura de maior destaque dentre os ilustres oficiais de marinha que honraram e elevaram a sua classe". O Aviso citado diz ainda que o "Dia do Marinheiro" será também o "Dia de Tamandaré" e um pretexto para as demonstrações de civismo de nossos marujos, de seus propósitos firmes de defesa da Pátria, de amor à Bandeira, de culto pelas nossas honrosas tradições e de confiança nas energias serenas da raça, capazes de manter sempre grandioso o progresso crescente da nacionalidade".

* * *

O lançamento da pedra fundamental do monumento a Tamandaré teve lugar no dia 13 de dezembro de 1936, revestindo-se o ato de grande solenidade. Compareceu o presidente da República, sr. Getúlio Vargas, e estavam presentes altas autoridades civis e militares, tendo discursado, na ocasião, o almirante Aristides Guilhem, ministro da Marinha, e o professor Fernando Magalhães.

A inauguração do monumento data de dezembro de 1937, tendo transcorrido com acentuado brilhantismo e entusiasmo cívico. Estava marcada para o "Dia do Marinheiro" e fôra incluída no programa de festejos desse dia. Entretanto, em virtude do mau tempo reinante, a solenidade foi transferida, efetuando-se no dia 28, às 16 horas. Além das autoridades navais, promotoras da homenagem, tendo à frente o almirante Aristides Guilhem, compareceram o presidente da República, acompanhado dos membros de suas Casas Civil e Militar, os generais Eurico Dutra, ministro da Guerra; Góis Monteiro, Valentim Benício, altas patentes do Exército e da Armada, ministros de Estado, o prefeito desta capital, autoridades federais e municipais. O almirante Aristides Guilhem, ministro da Marinha, pronunciou um discurso, enaltecendo a ação patriótica de Tamandaré e concluindo por fazer a entrega da estátua ao governo da cidade. Encerrando a solenidade, desfilaram, em continência, o Regimento Naval, a Escola Naval, o Batalhão de Guardas e o Corpo de Marinheiros Nacionais. Na enseada de Botafogo, em frente ao monumento, fundeu um navio de guerra que deu as salvas no momento da inauguração.

* * *

A pedra fundamental do monumento ao almirante Tamandaré, como já dissemos, foi lançada no dia 13 de dezembro de 1936, no mesmo local onde existia uma herma inaugurada em 16 de dezembro de 1916. A iniciativa da construção do monumento partiu da Marinha, onde foi aberta uma subscrição destinada a custear as despesas. A comissão encarregada de levá-la a efeito, presidida pelo almirante Jorge Dodswoorth Martins, abriu concorrência pública, na qual tomaram parte os escultores Hugo Berthazon, H. Leão Veloso e Correia Lima. O artista Berthazon apresentou uma "maquette" que foi muito apreciada, para um monumento de proporções imponentes, "maquette" que se encontra atualmente no Museu do Ministério da Marinha. Foi escolhido, entretanto, o projeto do escultor H. Leão Veloso, o qual correspondia às exigências contidas no edital da concorrência.

O conjunto escultural apresenta, ao alto, a figura, em bronze, do almirante Tamandaré, de pé, em atitude de chefe. A linha do pedestal representa uma quilha de navio, vendo-se, nas duas faces laterais da coluna de granito, figuras em relêvo, mostrando Tamandaré em atitude de combate e, nas outras faces, figuras bem talhadas, que simbolizam a Glória. A altura do monumento, a contar da base, é de 11 metros, medindo a estátua 3 metros e 50 centímetros. Encontram-se nas faces da base, lados de frente e de fundo, duas inscrições: uma, registrando os principais acontecimentos que dignificaram a vida do grande marinheiro, e, outra, traduzindo a homenagem prestada pela Marinha ao seu heróico chefe.